



# DOSSIÊ



# EM DEFESA DA FANTASIA: UM DEBATE SOBRE A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**ANDRÉ KARASCZUK TANIGUCHI\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 22 set. 2022. Aprovado em: 17 nov. 2022.


Como citar este artigo: TANIGUCHI, A. K. Em defesa da fantasia: um debate sobre a utilização do gênero na educação básica. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 1, p. 19-32, jan./abr. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n1p19-32

## Resumo

O presente artigo propõe, em um primeiro momento, uma defesa sobre o uso e aplicação do gênero literário da Fantasia na Educação Básica por meio de sequências didáticas, projetos transdisciplinares e outras possibilidades. A Fantasia é um gênero amplamente presente no cotidiano dos jovens estudantes, não estando limitado apenas à literatura, mas também frequente no cinema, na televisão e outras linguagens; nesse sentido, no intuito de aproximar e engajar os discentes nos conteúdos programados, vê-se a Fantasia como um caminho viável.

---

\* E-mail: andrekaraszuk@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2182-0385>

A segunda parte deste estudo é composta por uma série de sugestões didáticas baseadas em dois romances de Fantasia, *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien (2019); e *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho (2012).

## Palavras-chave

Fantasia. Ensino Básico. Transdisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

Até meados dos anos 1990, a literatura de Fantasia não era um gênero de grande relevância no mercado editorial brasileiro, tampouco entre o público leitor. Esse panorama viria a mudar após a popularização de inúmeros filmes, seriados de televisão e *videogames* lançados no final dos anos 1990 e na virada para o século XXI. Dametto (2018), em reportagem para o Estadão, aponta que o “cenário só está mudando agora, quando pequenas editoras preparam a fantasia nacional para enfrentar outros concorrentes de peso”. Nesse sentido, há um evidente desenvolvimento positivo em relação ao gênero no Brasil, tanto em termos de produção interna quanto de importação, e, por essa razão, sua utilização na didática pode ser uma ferramenta pertinente para o desenvolvimento da prática de leitura em jovens da Educação Básica.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, espera-se que um aluno do Ensino Médio amplie seu repertório, “considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico” (BRASIL, 2018, p. 500), além de outros tipos de textos. Muito embora a Fantasia nem sempre seja exatamente uma literatura juvenil, uma porcentagem considerável do gênero pode ser encaixada nessa categoria, tornando-se um material importante para o estímulo da leitura e contato geral com a literatura, a cultura e a linguagem.

Dada essa breve contextualização, a proposta deste artigo é discutir e articular algumas características relevantes da Fantasia e suas aplicabilidades na Educação Básica. Apesar de nossa reflexão se pautar majoritariamente nas recomendações da BNCC para a disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Médio, é completamente possível adaptar parte do seu conteúdo para o Ensino Fundamental.

Primeiramente, apontaremos algumas premissas literárias e teóricas acerca da Fantasia, sua relevância e pertinência no contexto escolar, para então, na segunda parte deste artigo, citar trechos de dois romances do gênero, *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien (2019); e *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho (2012), no intuito de apresentar sugestões de temas, debates e atividades voltadas ao ensino. Como referências principais para nossa reflexão, utilizaremos as postulações de Cosson (2006), Freire (1994) e Said (2007).

## FANTASIA E EDUCAÇÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

Antes de adentrarmos nas extensas relações entre a Fantasia e a educação, definir o gênero é um ponto de partida necessário para se compreender sua versatilidade no ambiente escolar. Segundo Mendlesohn (2008), uma Fantasia é toda narrativa em que algo considerado irreal, ou sobrenatural, ocorre em sua trama; embora essa seja uma definição bastante geral e superficial do gênero, percebemos que estamos lidando com histórias nas quais a inventividade é o grande atrativo.

A Fantasia é um campo extremamente fértil, em que mitos, crenças, folclore e culturas são reconfigurados em novos significados, muitas vezes em constante diálogo com o período histórico de sua produção. Tolkien (2020, p. 38), em seu icônico ensaio “Sobre Estórias de Fadas”, utiliza a metáfora de uma “sopa” para explicar o funcionamento das narrativas de Fantasia: um enorme caldeirão, constantemente incrementado com novos ingredientes que, misturados, geram um novo “sabor”. Por ser um gênero dialógico, ou seja, em diálogo com outros textos, linguagens e culturas, estamos tratando de um objeto que corresponde às exigências da BNCC (BRASIL, 2018, p. 499), a qual enfatiza a importância de se intensificar o convívio dos estudantes com a literatura e seus produtos “derivados”, como as adaptações para o cinema e as histórias em quadrinhos.

Extremamente populares, as adaptações fílmicas de Fantasia, os seriados, livros e games tornaram-se parte fundamental da cultura do século XXI e, por essa razão, trata-se de um interesse muito próximo do público jovem, em especial aqueles que cursam a Educação Básica. É nesse contexto que iniciamos nossa argumentação sobre a Fantasia no ensino, uma vez que é algo presente no imaginário e cotidiano dos jovens.

Freire (1994, p. 40), em sua defesa da educação como prática da liberdade, aponta que, ao contrário da educação bancária, robotizada, a educação libertadora implica a “[...] negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”. Nesse sentido, o ensino não pode ser abordado de forma isolada, os vários contextos nos quais os alunos estão inseridos devem ser considerados na escolha de estratégias de ensino, não apenas como um estímulo à consciência crítica e libertadora dos discentes, mas também como forma de despertar uma maior participação e engajamento.

Dessa forma, a Fantasia encontra-se inserida em uma posição privilegiada, uma vez que é um gênero textual, mas também uma forma de expressão em outras linguagens em constante diálogo com múltiplas culturas e narrativas, além de ser extremamente apelativa ao público jovem. Sua utilização no ensino pode ser uma ferramenta fundamental para o engajamento dos alunos e uma forma de aproximar seus contatos com a leitura.

Em decorrência dessa natureza multicultural da Fantasia, identificamos uma relação com os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), os quais possuem a “[...] condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades” (BRASIL, 2019, p. 6). Os TCTs, como temas abrangentes, permitem uma abordagem interdisciplinar no ensino, ou seja, possibilitam a exploração de um determinado assunto em diversas disciplinas.

Divididos em categorias como “Ciência e Tecnologia”, “Multiculturalismo”, “Saúde” e afins, os TCTs sugerem discussões importantes para a formação dos estudantes. No caso da Fantasia, a categoria “Multiculturalismo” é a mais relevante, uma vez que possui assuntos relacionados ao que é frequentemente encontrado nas narrativas do gênero: diversidade cultural, valorização do multiculturalismo, reconhecimento das matrizes históricas e culturais do Brasil (e de outros locais), entre outros. Alguns exemplos específicos da Fantasia podem até mesmo incluir outros temas, como é o caso de *Ouro, fogo & megabytes*, que aborda os temas de “Cidadania e Civismo”, além de “Meio Ambiente” e “Ciência e Tecnologia”.

É possível estabelecer uma relação entre a Fantasia, os TCTs e a educação libertadora, principalmente na questão da “localização” dos discentes no mundo. Como gênero de diálogos, a Fantasia não possui apenas narrativas

ambientadas em mundos completamente fictícios, pelo contrário, há muitos exemplos de histórias nas quais a realidade é parte integrante do universo, sendo a saga *Harry Potter* (1997-2007), de J. K. Rowling, uma das mais populares do século XXI. Quando uma narrativa inclui o mundo real coexistindo com o fantástico, estabelecem-se comparações e diferenças entre o “normal” e o “diferente”, realçam-se as multiplicidades da vida social e as inúmeras questões éticas que disso surgem; a Fantasia não apenas trata das aventuras, como também destaca a diversidade, que muitas vezes é escrita de forma metafórica pelos autores.

Nesse sentido, tem-se nesse gênero um grande potencial para se explorar a consciência social dos discentes, pois, assim como na ficção, o mundo empírico também é repleto de multiplicidades; e as necessidades de aceitação, tolerância, justiça e fraternidade encontram-se tão presentes na realidade quanto nas aventuras. O fato de ser extremamente popular junto ao público jovem é fundamental para despertar o interesse dos estudantes, pois, com sua utilização, as fronteiras entre aprendizado e entretenimento começam a se fundir, auxiliando a tentativa de se abordar o ensino de forma conectada com a realidade, diferentemente do ensino bancário, isolado, robotizado e alienador.

Qual é, porém, a relação disso com os TCTs? Primeiramente, é importante destacar que um ensino de disciplinas deslocado, como tradicionalmente ainda ocorre nas escolas regulares, é um método que dificulta as múltiplas ligações possíveis entre disciplinas que dialogam entre si, como Língua Portuguesa (LP) e História, Sociologia, Filosofia, Artes, entre outras. A LP, como o principal foco da presente reflexão, possui um papel privilegiado na Educação Básica por ser a disciplina, juntamente à Matemática, com o maior número de aulas; e a literatura, frequentemente ministrada em LP, possibilita conexões com praticamente todas as outras. Isso nos leva a concluir que o texto literário pode ser uma ferramenta crucial para o método interdisciplinar, ou então, o método transdisciplinar.

Se, por um lado, uma abordagem interdisciplinar contempla duas ou três disciplinas dentro de um mesmo tema, a abordagem transdisciplinar propõe o compartilhamento do mesmo tema entre um bloco significativo de matérias. Na prática, isso significa que o assunto estudado não será explorado por apenas um viés, mas sim por inúmeras possibilidades, anulando a perspectiva isolada ou desconexa do ensino bancário tradicional. Assim, no caso da Fantasia, torna-se possível associá-la a diversas matérias em um sentido transdisciplinar,

inclusive em projetos pedagógicos e sequências didáticas, como será sugerido na próxima seção.

No entanto, resta uma questão relevante a ser discutida: a legitimidade da Fantasia como literatura a ser estudada em sala de aula. Cosson (2006) aponta para a facilidade de se selecionarem os textos em tempos anteriores, citando que bastava seguir o cânone; no entanto, esse panorama passa a mudar após os intensos questionamentos nas universidades e em correntes teóricas, tornando a seleção de obras literárias uma tarefa muito mais variável. Isso pode ser evidenciado até mesmo pelas leituras obrigatórias nos vestibulares contemporâneos, formando listas contendo não apenas os clássicos, mas também produções recentes, além de músicas, peças teatrais e outras linguagens.

Cosson (2006) não descarta a importância dos clássicos na educação, sugerindo que a total exclusão pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura, no entanto, adotar obras contemporâneas em conjunto com os clássicos parece ser a melhor combinação para manter a valorização da língua e da cultura nacional, e simultaneamente engajar os alunos com temas mais próximos de seu cotidiano. Não obstante, ainda há uma alternativa, no caso da Fantasia, pois trata-se de um gênero já explorado, mesmo que superficialmente, por autores considerados “clássicos”. A coletânea *Medo imortal*, organizada por Romeu Martins e publicada pela Darkside Books em 2019, por exemplo, conta com as produções de diversos autores tradicionais da literatura brasileira, como Júlia Lopes de Almeida, Machado de Assis e Coelho Neto em contos de Fantasia ou Horror; esse tipo de livro pode ser uma ferramenta pertinente para o que defendemos neste artigo.

Discutir a ideia de um cânone literário não é uma tarefa simples, e muitas vezes há o risco de se beirar a generalização ou algum outro equívoco, porém, a utilização exclusiva dos clássicos na Educação Básica deve ser repensada. Said (2007) aponta para a existência de um argumento que considere o cânone ocidental como algo encerrado em si mesmo; mas não é possível que realmente seja encerrado, uma vez que a literatura segue existindo, e o contemporâneo pode ser o próximo clássico nos próximos 20 anos.

Por essa razão, o uso da Fantasia na Educação Básica pode não apenas ser uma forma de engajamento dos discentes, mas também uma tentativa de familiarizar um gênero influente na contemporaneidade. Acreditamos que essa seja uma das principais motivações por trás da ênfase da BNCC em ampliar o repertório dos estudantes, englobando tanto os clássicos quanto gêneros “populares”, outras linguagens e meios de comunicação.

Embora não tenhamos esgotado todas as possíveis discussões acerca do tema, acreditamos ter percorrido os pontos principais para uma melhor contextualização acerca do que pretendemos nesta reflexão. A seguir, apresentaremos algumas sugestões de atividades, projetos e discussões com base em fragmentos de obras de Fantasia.

## **A APLICABILIDADE DA FANTASIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ALGUMAS IDEIAS**

É extremamente necessário que todo planejamento, seja voltado a apenas uma disciplina, seja a várias, tenha uma margem de flexibilidade para quaisquer imprevistos ou problemas que surjam no decorrer do plano. Nesse sentido, ressaltamos que as seguintes sugestões não devem ser consideradas como totalmente rígidas, mas sim abertas para adaptações, adições, remoções e outras mudanças que viabilizem sua execução.

Nossa primeira sugestão de romance, a qual discutiremos a seguir, é *O Hobbit*, do britânico J. R. R. Tolkien (2019). Habitualmente, há pouco espaço para estudar literaturas estrangeiras que não sejam em língua portuguesa durante os anos letivos de LP, no entanto, a utilização desse romance possibilita uma interação direta com a disciplina de Língua Inglesa, não apenas na questão da tradução, mas também na prática de leitura em um idioma estrangeiro. Em decorrência da sua linguagem mais simples e da proximidade com os contos de fadas, *O Hobbit* é um livro bastante adequado para uma introdução à leitura, sendo, portanto, recomendável a um primeiro bimestre do primeiro ano do Ensino Médio, por exemplo, período no qual ainda não há um foco intensivo no estudo das escolas literárias como em outros bimestres.

O que é possível extrair do romance em níveis de leitura, interpretação e linguagem? As respostas mais evidentes estão relacionadas às questões da Fantasia como o gênero, as funções da linguagem presentes no texto, as metáforas, as relações intertextuais, entre outras. Porém, o livro possui temas ainda mais pertinentes e úteis para uma introdução geral aos estudos de LP, sendo um deles a variedade linguística; a tradução brasileira de *O Hobbit* possui alguns personagens que tiveram suas falas adaptadas a alguns regionalismos, como é o caso de um monstro que captura os protagonistas:



William engasgou. “Cala boca!”, disse, assim que conseguiu falar. “Cêis num espera que o povo vai parar aqui só pra ser comido pelo cê e pelo Bert. Cêis dois sozinho já cumero uma vila e meia desde que a gente desceu das montanha. Que mais cêis qué? E até que a gente tá cum sorte, cêis devia era dizê ‘brigado, Bill’ por um pedacinho gostoso de cordeiro gordo do vale feito esse aqui” (TOLKIEN, 2019, p. 60).

Como pode ser evidenciado pelo fragmento, há uma tentativa de se replicar uma espécie de regionalismo brasileiro, possibilitando uma discussão acerca de temas fundamentais e pouco explorados como variedade linguística e preconceito linguístico, presentes na BNCC, incentivando a compreensão sobre o fenômeno da “[...] constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p. 508). O assunto pode, inclusive, ser explorado de forma transdisciplinar, com o apoio das disciplinas de Geografia e Sociologia, uma vez que ambas trabalham o tema das regiões, variedades e preconceitos em seus conteúdos. O texto, nesse sentido, pode servir de ponto de partida para diversas conexões com outras disciplinas, sem a necessidade de manter a LP isolada de todo um contexto escolar.

Uma outra possível articulação é encontrada na própria narrativa de *O Hobbit*, a jornada do protagonista Bilbo Bolseiro, mais especificamente. O romance, assim como muitos outros exemplos clássicos da literatura, segue a icônica “Jornada do Herói”, ou monomito, discutida pelo mitologista Joseph Campbell (2013) em *O herói de mil faces*, na qual o protagonista segue determinado número de estágios em sua aventura, como o “chamado”, “auxílio sobrenatural”, “morte e renascimento”, “retorno”, entre outros. Uma análise sob essa perspectiva pode ser um exercício adequado para a formação dos discentes como leitores, facilitando a identificação do monomito em outras narrativas estudadas no restante do ano letivo. Não obstante, em caráter interdisciplinar, é possível relacionar a Jornada do Herói com a disciplina de Filosofia, a qual, em algum momento, adentra na questão dos mitos.

No início desta seção, comentamos brevemente acerca das relações que podemos estabelecer entre LP e Língua Inglesa em um estudo sobre *O Hobbit*. A versão brasileira oferece alguns recursos pertinentes, como uma explicação sobre a tradução e as versões em inglês dos poemas do texto em rodapé. Embora talvez não seja possível adentrar completamente nas técnicas de tradução, um estudo comparativo entre as versões brasileiras e inglesas pode ser um bom estímulo para os discentes. Segue um exemplo de poema:

*Bata copo e prato na porta! / Sem gume a faca e torto o garfo! / Eis o que Bilbo não suporta – / Nas garrafas desça o sarrafo! / Rasgue o pano e pise na banha! / Derrame o leite no assoalho! / Ossos no chão ninguém apanha! / E o vinho no piso eu espalho! / Jogue as xícaras nas panelas; / Bata tudo com um pilão; / E se enfim sobrar uma delas, / É só girá-la até o salão! / Eis o que Bilbo não suporta! / Alto lá com os pratos na porta!* (TOLKIEN, 2019, p. 37, grifos do autor).

Trata-se de um poema, de um ponto de vista estético e estrutural, simples, no entanto, é um bom exemplo para introduzir os estudantes no universo da poesia, apresentando conceitos como rimas, musicalidade, aliteração e outros recursos. É fundamental que um projeto didático baseado em um romance desse estilo abra caminhos para outros tipos de estudos, tal como o da poesia, pois, na medida em que os discentes são estimulados com uma narrativa mais próxima de seus interesses, também há um alto nível de conteúdo para suas formações como leitores.

Do ponto de vista da tradução, há diversos exercícios possíveis com as versões dos poemas em língua inglesa: um professor pode trabalhar a análise lexical com os discentes, além de introduzir novos vocabulários e sinônimos; uma leitura coletiva também é viável, estimulando as habilidades de *reading* (leitura) e *speaking* (fala). A BNCC (BRASIL, 2018) fornece informações importantes acerca do ensino de Língua Inglesa, ressaltando seu valor como idioma global e a necessidade de se expandir o repertório linguístico dos estudantes. Nesse sentido, o contato com um romance originalmente escrito em inglês é algo de grande valia para a formação desse repertório.

Por fim, o estudo de *O Hobbit* também permite a abordagem de outro assunto mencionado na BNCC (BRASIL, 2018, p. 500): as adaptações midiáticas. O romance de Tolkien recebeu duas adaptações ao longo da história, uma animação lançada em 1977 e a recente trilogia de filmes (2012-2014) dirigida por Peter Jackson. Ambas as produções são objetos pertinentes de estudo, possibilitando a compreensão sobre conceitos relacionados ao universo midiático, como os processos de adaptação, a cultura de massa, a recepção, entre outros.

Embora consideravelmente menos famoso que *O Hobbit*, o romance brasileiro *Ouro, fogo & megabytes* é uma alternativa de Fantasia muito relevante para a nossa proposta neste artigo. Ambientado na cidade de São Paulo, o texto de Castilho (2012) mescla o folclore brasileiro com um cenário urbano contemporâneo em uma trama de aventura focada na preservação ambiental.

Notavelmente, a presença do tema transversal da “Educação Ambiental” é rapidamente identificada por qualquer leitor, permitindo, assim, sua exploração em um sentido transdisciplinar.

Pelo fato de que a maioria das sugestões apresentadas anteriormente são facilmente aplicáveis no romance, voltaremos nosso foco para os principais aspectos que destacam esse livro em relação aos demais: a linguagem experimental, a questão do espaço e o folclore nacional.

O experimentalismo de *Ouro, fogo & megabytes* é pertinente por duas razões. Primeiramente, supõe-se que, até então, nos anos formativos do Ensino Fundamental, os alunos provavelmente não tiveram contato com o experimentalismo estético, recurso frequente na literatura em toda a sua história. Portanto, esta pode ser uma excelente oportunidade de introduzir os discentes a esse conceito em uma linguagem mais aproximada de suas realidades. Em segundo lugar, o experimentalismo de Castilho (2012) baseia-se na mistura entre as gírias e expressões pertencentes ao mundo dos *videogames* com uma narração tradicional. O seguinte exemplo ilustra satisfatoriamente a mescla de linguagem presente no romance:

O garoto de Rastelinho sabia que ninguém poderia trapacear em BoA. O *server* da Hawkind reconhecera os códigos desonestos e daria um belo de um *kick* no traseiro gordo do Esmagossauro, ou de qualquer *player* que ousasse ser desonesto na rede. Recordou-se dos dois encontros entre o seu elfo Shadow e o *troll*. No primeiro embate, há cerca de seis meses atrás, Shadow fora o vencedor e ficara há poucos *levels* de distância do líder. Luta difícil, e Anderson tinha certeza de que não houvera tentativa de trapaça do *troll* (CASTILHO, 2012, p. 106).

Evidentemente, nem todos os jovens estudantes possuem as condições de ter contato com os *videogames*, no entanto, a extrema popularidade desse entretenimento digital – atualmente acessível em qualquer dispositivo eletrônico – permite uma melhor absorção de termos como “*server*”, “*kick*”, “*player*”, “*level*”, entre outros. Retomando a proposta freireana de educar de forma contextualizada com a realidade dos estudantes, temos em *Ouro, fogo & megabytes* uma oportunidade de alimentar o repertório de leitura com um tema de interesse do público jovem, no caso, os *videogames*.

É fundamental conceber o estudo da Fantasia como uma introdução para estudos literários mais complexos e desafiadores, como é o caso da literatura considerada “clássica”. Além do experimentalismo, a questão do espaço

também é de suma importância em uma análise e, por essa razão, também é possível apresentar este tipo de leitura aos alunos. Tal como propõe Robert Alter (2005) em *Imagined cities*, o estudo do espaço ficcional proporciona não apenas uma percepção sobre o contexto de produção de determinada obra, mas também auxilia na interpretação de um texto em um sentido estético e temático, ferramentas que serão essenciais em leituras posteriores. No caso de *Ouro, fogo & megabytes*, o espaço urbano é o foco principal:

– É muita loja num lugar só! – maravilhou-se Anderson, percorrendo o corredor apinhado de estandes e balcões. Sentia-se perdido em alguma parte do leste asiático, já que a grande maioria dos vendedores era oriental. Apesar de toda a estranheza da situação, o ambiente era-lhe familiar, acolhedor. Afinal, aquele era um grande e subversivo *shopping* de informática e eletrônica ao ar livre (CASTILHO, 2012, p. 83).

Essa é uma descrição da Rua Santa Ifigênia, no centro de São Paulo; nesse fragmento, percebem-se alguns temas pertinentes para discussão. Em uma perspectiva literária, é possível analisar, junto aos discentes, as formas nas quais o narrador descreve a rua e as pessoas que por ali trafegam. Considerando o local em que essa atividade é aplicada, é possível estabelecer ligações diretas com a realidade dos alunos. Em uma escola localizada em alguma metrópole, o professor pode dialogar com os discentes acerca de locais similares ao que é descrito no texto; ou então, em um contexto de cidade pequena, estabelecer comparações entre o interior e os grandes centros urbanos.

Nesse sentido, surge a oportunidade de se abordar o romance em uma perspectiva transdisciplinar, juntando as matérias de Geografia e Sociologia, uma vez que assuntos como imigração, espaço urbano e demografia são temas pertinentes a esses campos de estudos. Em conjunto, é possível propor alguma espécie de projeto interdisciplinar no qual cada professor é responsável por orientar os discentes em determinado assunto. O projeto em questão pode tomar as mais variadas formas: artigo, apresentação oral, encenação, vídeo ou outro formato; o objetivo principal é a articulação entre as disciplinas, no intuito de estimular os discentes a perceberem o conteúdo de forma ramificada e interligada, e não isoladamente.

Um último aspecto pertinente em *Ouro, fogo & megabytes* é a utilização do folclore nacional. Retomando a BNCC (BRASIL, 2018), percebemos a ênfase na ampliação do repertório multicultural dos discentes; o folclore

brasileiro, por essa razão, é peça-chave para um maior arcabouço cultural e regional. No romance de Castilho, são apresentadas inúmeras criaturas do folclore nacional, como o Saci, a Cuca, o Boitatá, o Boto, a Mãe do ouro e outras lendas, muitas das quais possuem suas origens em determinados contextos históricos e regionais.

Considerando as dimensões continentais do Brasil e sua diversidade regional, é possível estabelecer conexões entre as lendas, as culturas locais e seus contextos históricos. Em um sentido transdisciplinar, Língua Portuguesa, Geografia, História e Sociologia dialogam diretamente com esse assunto, possibilitando algum projeto nos moldes do que sugerimos anteriormente.

No ponto de vista da disciplina de LP, o estudo das lendas também possibilita a introdução de um assunto recorrente na teoria literária: a literatura comparada. *Ouro, fogo & megabytes* adapta algumas das diversas lendas do folclore brasileiro, as quais possuem uma espécie de “narrativa original”, como as histórias presentes no livro *Monstruário*, de Corso (2002), contando com uma linguagem acessível. Nesse sentido, uma leitura comparativa dessas lendas também é algo possível ao se estudar o romance de Castilho (2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas as discussões apresentadas durante este estudo, acreditamos ter defendido o uso da Fantasia na Educação Básica de forma adequada aos critérios estabelecidos pela BNCC e em articulação com os TCTs, no entanto, o potencial para esse gênero no ensino ainda não se esgota. Como apontamos na seção anterior, é possível utilizar a Fantasia como modo de se introduzir uma série de conceitos pertencentes aos estudos literários e que nem sempre são apresentados aos discentes da Educação Básica: literatura comparada, análise do espaço, análise estética, análise de poesia, intertextualidade, entre outros.

Em diálogo com outras disciplinas, a Fantasia se torna um objeto de estudo pertinente para diversas áreas; os exemplos que analisamos, *O Hobbit* e *Ouro, fogo & megabytes*, dialogam principalmente com as Ciências Humanas; no entanto, há incontáveis exemplos dentro do gênero que podem ser articulados com a Matemática, as Ciências Biológicas, a Tecnologia, entre outros.

A Fantasia, por essa razão, é apropriada para estudos intradisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, porém, qual seria a principal motivação

para utilizá-la em um projeto ou em aulas? A resposta para essa pergunta, como tentamos defender ao longo deste artigo, é a de que a Fantasia está próxima da realidade dos discentes; talvez não em um sentido cotidiano, mas presente no imaginário, nas leituras, nos filmes, nos vocabulários e nos lazeres. Há um grande potencial para engajar os estudantes nesse gênero e, simultaneamente, explorar assuntos pertinentes às disciplinas. Para uma educação verdadeiramente libertadora, é fundamental explorar a realidade dos alunos, pois o ensino é uma via de mão dupla: um compartilhamento de saberes e interesses.

## In defense of fantasy: a discussion about the use of the genre in basic education

### Abstract

This paper is an open defense for the utilization of the literary genre Fantasy on Brazilian Basic Education through didactic sequences, transdisciplinary projects and other possibilities. Fantasy is a genre widely present in young students lives, not only limited to literature, but also found in cinema, television, and other languages; for that reason, to close the gap between students and the program content, using Fantasy might be a valid method. The second half of this study is made of several didactic suggestions based on two Fantasy novels, *The Hobbit* (2019), by J. R. R. Tolkien (2019); and *Ouro, fogo & megabytes*, by Felipe Castilho (2012).

### Keywords

Fantasy. Basic Education. Transdisciplinarity.

## REFERÊNCIAS

- ALTER, R. *Imagined cities: urban experience and the language of the novel*. Londres: Yale University Press, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*. Brasília, DF, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia\\_pratico\\_temas\\_contemporaneos.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf). Acesso em: abr. 2023.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2013.

CASTILHO, F. *Ouro, fogo & megabytes*. São Paulo: Gutenberg, 2012.

CORSO, M. *Monstruário: inventário de entidades e de mitos brasileiros*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DAMETTO, M. M. Literatura de fantasia ganha fôlego no Brasil. *Estadão*, São Paulo, 19 mai. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,literatura-de-fantasia-ganha-folego-no-brasil,70002314813>. Acesso em: 16 mai. 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MENDLESOHN, F. *Rhetorics of Fantasy*. Connecticut: Wesleyan University Press: 2008.

SAID, E. W. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOLKIEN, J. R. R. *Árvore e folha*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.